Fotos: Arquivo pessoal



Paim, com a bancada do PT na Câmara: eleito em 1986, ele chegou a Brasília para a Constituinte



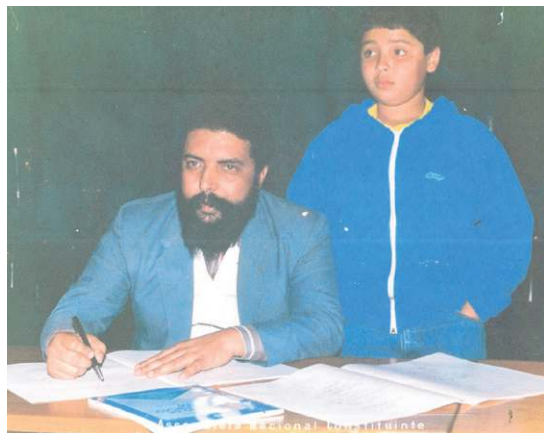
Plenário da Constituinte, que reduziu a jornada semanal



Parlamentares e assessores na Constituinte



Paulo Paim assinando a Constituinte



Com o filho, Jean, na Câmara dos Deputados



Nelson Mandela e Paim, em 1990

conta para sustentar 10 filhos. Paulo Renato, que nasceu em 15 de março de 1950, é um deles. Aos 12 anos, acompanhava o pai nas rondas pela Marcopolo, ao lado de Tupi, "um cachorro preto, de um metro de altura". Quando o pai cochilava, porque precisava trabalhar de manhã, era o menino quem caminhava com o cachorro pela empresa.

Itália não sabia ler. "Ela foi aprendendo na vida, pelo convívio", diz o filho. Viu-o deputado. Inácio, não: morreu com cerca de 60 anos, num acidente de carro. Quando Paim se mudou para Canoas, levou a mãe. Ela se recusou a morar com qualquer um dos filhos, e ele alugou a ela uma casa perto da dele.

Aos 9 anos, Paim foi eleito presidente do grêmio da escola e ouviu dos colegas: "Esse negão aí quer ser líder da sala de aula?". Contou em casa. A mãe explicou que os antepassados da família tinham sido sequestrados na África para serem escravizados e, como ele lembra, que "a tua origem é de uma família que era rei naquela comunidade". O menino voltou para a escola com a frase pronta. "Se eu estivesse lá, eu seria um príncipe." As provocações pararam, diz, quando os colegas perceberam que ele não se ofendia. "Eu sou negro mesmo."

Anos depois, num ginásio noturno, um professor levou mapas para a aula. Queria mostrar de onde vinham negros, brancos, alemães e italianos e provar, nas palavras de Paim, "que os negros não tinham a mesma capacidade que os outros de ser alguém na vida". O aluno contestou: a diferença, disse, estava na renda, na escola de bairro, no salário mínimo dos pais. Foi mandado para fora da sala. "Não vou sair porque o senhor não está com a razão e está ensinando praticamente a classe a ser preconceituosa com o povo negro", lembra-se de ter dito. O professor chamou a diretora. Ela ouviu os dois lados e decidiu que o aluno permaneceria na sala. Em 2022, contou ao site *Alma Preta* que o mesmo homem previu que ele não passaria de servente.

O tempo dos outros

Do ginásio noturno, Paim seguiu para a fundição, o sindicato e, em 1986, a Câmara dos Deputados.

O tempo que a emenda devolve aos outros foi o que mais lhe faltou. Paim diz que quase não conviveu com os filhos. Quando um deles nasceu, estava no meio de uma greve. Mandou ao hospital, com uma sacola de roupas, Gilmar Pedruzi, já falecido, o companheiro de sindicato que descreve como "meu braço direito e esquerdo". Prometeu ir de madrugada, quando a greve acabasse.

Hoje tem cinco filhos, sete netos e uma bisneta que mora nos Estados Unidos e que ele ainda não conhece. A explicação é uma regra que se impôs durante o mandato. "Eu fui eleito pra trabalhar. Trabalhar onde? No Congresso. Viajar onde? Dentro do meu país." Foi a uma ou duas missões no exterior, achou que pareciam um passeio e decidiu não ir mais.

Católico como os pais, diz ter aprendido em casa a respeitar todas as religiões, "porque Deus é só um". A filha mais velha e o marido, criados no mesmo bairro e sem ligação com igrejas evangélicas, viraram pastores. Quando Paim está no Rio Grande do Sul, o almoço de domingo é com os filhos, que vão até a casa dele.

O que vem depois de fevereiro está em Canoas, perto do sindicato onde começou. Lá funciona o Centro de Integração Paulo Paim, num prédio de três andares e terraço. O centro atende imigrantes de Cuba, da Venezuela e da Nicarágua, famílias pobres e mães solo, com cursos ministrados por voluntários, como um curso de eletricidade para mulheres. "Se eu tivesse que ir para outro país por motivos de guerra ou conflito, eu gostaria que me tratassem como eu trato eles", diz.

Paim afirma que recusou propostas para alugar o prédio e que vai manter o centro com a própria aposentadoria, "uma aposentadoria decente, que o nosso povo não tem". "Eu estou com 76 anos. Tudo bem, eu tenho aí mais uns 10, 15, que seja 20 anos de vida", calcula. "Só trabalho voluntário. Eu decidi isso." No primeiro dia sem mandato, 2 de fevereiro, quer estar no centro. "Acho que tem uma simbologia aí, eu estar lá junto com os refugiados, com os imigrantes."

Perto do fim da conversa, que passou de uma hora e meia, Paim foi convidado a deixar um recado. Falou de escuta: "Eu aprendi que um bom político é aquele que fala menos e ouve mais". E falou de política. Rejeita a ideia de que ela seja coisa "de malandro, de bandido, de ladrão" e diz que quem repete isso não quer que os bons participem. "Os bons têm que fazer política, têm que se preparar. Pode ser médico, pode ser advogado, pode ser arquiteto, mas por que não ser vereador? Por que não ser prefeito?" Para chegar lá, recomenda teimosia, "no bom sentido".

Quatro décadas depois de desembarcar em Brasília, resume o último turno em uma frase: "Hoje, eu volto pra casa feliz da vida, porque eu fiz o que eu queria fazer".

***Estagiário sob a supervisão de Ana Sá**